



Wilder manifesta preocupação com desemprego no País

Importação de leite tem sido acompanhada por Wilder Morais no Senado



CERRADO



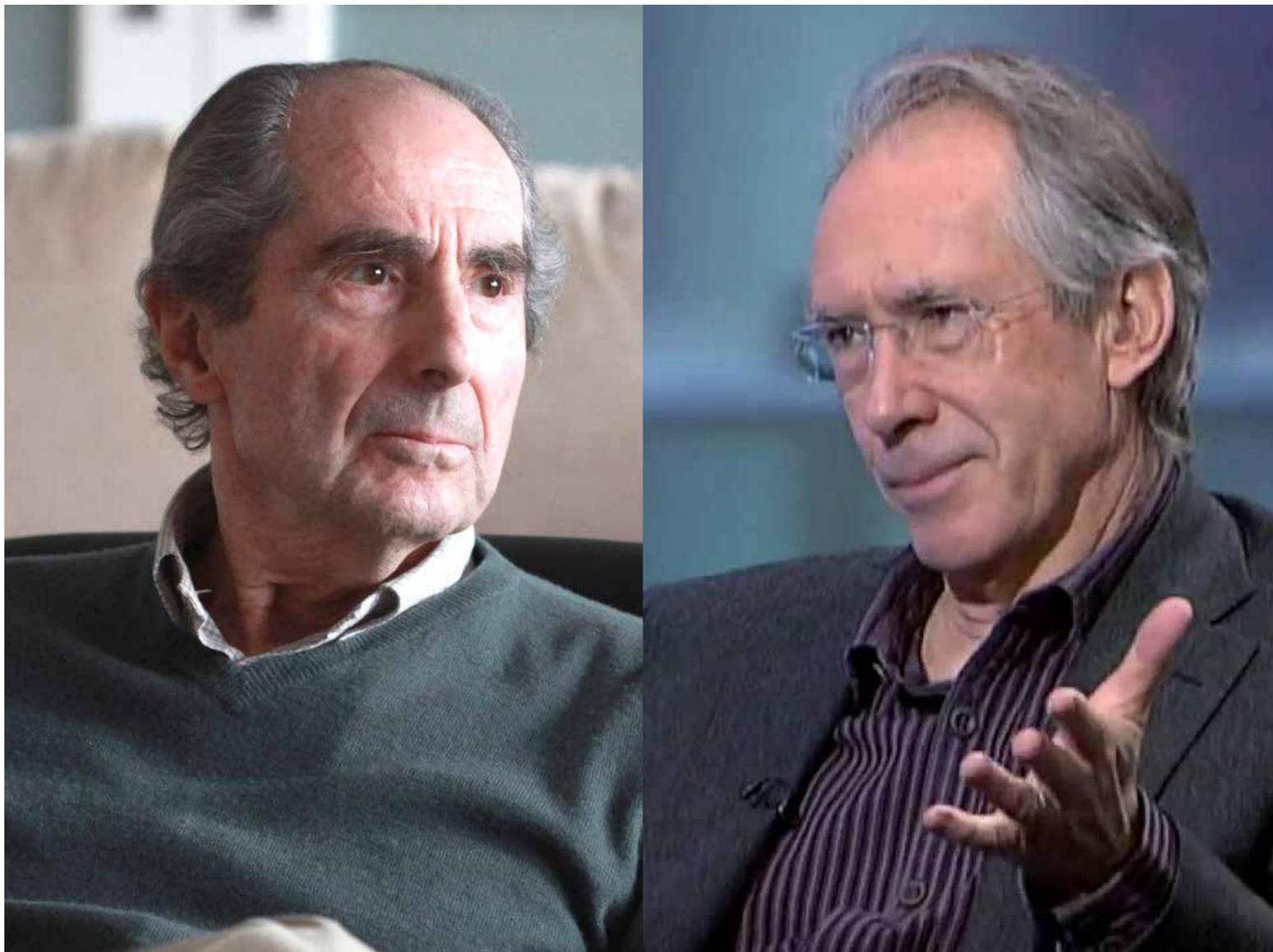
Goiânia, SÁBADO, 2 de setembro de 2017

[f](#) [i](#) [t](#) /wildermorais



CULTURA / LITERATURA

Confronto de Titãs



J.C. GUIMARÃES

Não poucos estudiosos acreditam que a língua de Shakespeare produziu a maior das literaturas. Não vem ao caso discutir a procedência deste julgamento. Mas é certo que, indiscutivelmente, dois dos maiores escritores da atualidade, no mundo, são o inglês Ian McEwan e o norte-americano Philip Roth. Não terem ganhado o prêmio Nobel é apenas um detalhe que deprecia contra o prestígio da academia. São dois magistrados romancistas, gênero por excelência de sua arte. E são igualmente profícuos: escreveram livros e mais livros, um atrás do outro. É de dar inveja a quem escreve.

A inveja, no caso, advém não apenas da capacidade de criar tanto, mas sobretudo de criar de uma maneira esplêndida, formidável. Se há algo em comum, que os une e caracteriza, é o realismo. Não por certo o realismo do século 19, mas ainda assim o realismo, que não envelhece, apenas se transforma.

A assertiva faz sentido. Começemos por Roth, diante de um “devaneio”, de David Kepesh, personagem central de “O Professor do Desejo”. A certa altura, a “aula introdutória” que redige para seus alunos ensina, na verdade, seu credo estético para possíveis escritores que o leem, ao dizer assim: “Sugiro isso na espe-

rança de que, se falarem sobre ‘Madame Bovary’ com as mesmas palavras que usam com o dono da mercearia ou com sua namorada, estarão criando uma relação com Flaubert e sua heroína íntima, mais interessante e até mesmo mais referencial”. Isto é realismo.

Não poucos estudiosos acreditam que a língua de Shakespeare produziu a maior das literaturas. Não vem ao caso discutir a procedência deste julgamento. Mas é certo que, indiscutivelmente, dois dos maiores escritores da atualidade, no mundo, são o inglês Ian McEwan e o norte-americano Philip Roth. Não terem ganhado o prêmio Nobel é apenas um detalhe que deprecia

contra o prestígio da academia. São dois magistrados romancistas, gênero por excelência de sua arte. E são igualmente profícuos: escreveram livros e mais livros, um atrás do outro. É de dar inveja a quem escreve.

A inveja, no caso, advém não apenas da capacidade de criar tanto, mas sobretudo de criar de uma maneira esplêndida, formidável. Se há algo em comum, que os une e caracteriza, é o realismo. Não por certo o realismo do século 19, mas ainda assim o realismo, que não envelhece, apenas se transforma.

A assertiva faz sentido. Começemos por Roth, diante de um “devaneio”, de David Kepesh, personagem central de “O Pro-

fessor do Desejo”. A certa altura, a “aula introdutória” que redige para seus alunos ensina, na verdade, seu credo estético para possíveis escritores que o leem, ao dizer assim: “Sugiro isso na esperança de que, se falarem sobre ‘Madame Bovary’ com as mesmas palavras que usam com o dono da mercearia ou com sua namorada, estarão criando uma relação com Flaubert e sua heroína íntima, mais interessante e até mesmo mais referencial”. Isto é realismo.

Senão, vejamos. Dificilmente McEwan escreveria a seguinte frase: “Cada garota que ele vê revela-se (segurem os chapéus) portadora, entre as pernas, de – uma pomba. Assombroso! Surpreendente! Ainda não se deu conta da fantástica ideia de que, quando se olha uma garota, olha-se alguém que com toda a certeza possui – uma pomba! Todas elas possuem pombas!”. Esta frase debochada e engraçadíssima está em “O Complexo de Portnoy”. Isso é Philip Roth no que o escritor norte-americano tem de mais autêntico e acintoso, repetindo-se com semelhante intensidade em “O Teatro de Sabbath”. É quase o seu normal. McEwan jamais seria tão cru, tão explícito.

Isso tem a ver com o feroz anticonvencionalismo de Roth, tão exaltado em “Indignação”. O anticonvencionalismo de McEwan produziu no máximo “A Praia”: uma noite inteira de lua-de-mel...” (Ccont.)

Continue lendo este conteúdo em: www.revistabula.com/10948-philip-roth-x-ian-mcewan/

ECONOMIA

Wilder manifesta preocupação com desemprego no País



JOÃO CARVALHO

Mais uma prévia sobre o desemprego no Brasil foi anunciada esta semana. E mais uma vez os números não são nada animadores para os trabalhadores. E novamente o senador Wilder Moraes, a exemplo do que tem feito nos últimos meses, lamenta que a economia ainda não tenha reagido na velocidade em que deveria para reduzir o percentual de pessoas na fila do desemprego.

O desemprego no país foi de 12,8%, em média, no trimestre de maio a julho, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A taxa caiu em relação ao trimestre anterior (13,6%), mas subiu na comparação com o mes-

mo trimestre do ano passado (11,6%).

Ainda segundo o IBGE, o número de desempregados no Brasil de maio a julho foi de 13,3 milhões de pessoas. Isso representa uma melhora (-5,1%) em relação ao trimestre anterior. Na comparação com o mesmo período de 2016, porém, são 1,5 milhão de pessoas a mais sem emprego, um aumento de 12,5%.

“É lamentável que tenha chegado a esses percentuais com tantas pessoas sem emprego. Parece que nossa reação veio um pouco tarde, mas pelo menos hoje a gente percebe que há no fim do túnel. Ainda estamos longe do ideal, mas o cenário nos indica mudanças”, disse Wilder.

Segundo o senador,

o Brasil não pode interromper a sua agenda de reformas. Não pode também fugir das metas de redução dos gastos públicos, ações fundamentais, de acordo com Wilder, para tirar a economia do atoleiro e para permitir que o País volte a gerar empregos.

Os dados sobre o desemprego foram divulgados na quinta-feira (31 de agosto) e fazem parte da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua. A pesquisa não usa só os trimestres tradicionais, mas períodos móveis como fevereiro, março e abril; março, abril e maio etc.

A taxa de desemprego caiu no trimestre de maio a julho puxada pela geração de vagas de trabalho sem carteira assinada,

segundo o IBGE. Ou seja, houve crescimento da informalidade.

O período registrou 33,3 milhões de pessoas com carteira assinada, o mesmo número do período anterior. Em relação ao mesmo trimestre de 2016, houve uma queda de 2,9%, com menos 1 milhão de postos de trabalho com carteira assinada.

POPULAÇÃO OCUPADA

O número de pessoas com trabalho foi de 90,7 milhões entre maio e julho, aumento de 1,7% em relação ao trimestre anterior, ou 1,2 milhão de pessoas a mais. Em um ano, o total de trabalhadores caiu 0,22%, o que equivale a cerca de 500 mil pessoas. O ren-

dimento real (ajustado pela inflação) do trabalhador ficou, em média, em R\$ 2.106. O valor caiu 0,24% em relação ao período anterior (R\$ 2.111), mas subiu 3% comparado com o mesmo período de 2016 (R\$ 2.045). O IBGE considera que houve estabilidade nas duas comparações.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Os dados fazem parte da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua. São pesquisadas 211.344 casas em cerca de 3.500 municípios. O IBGE considera desempregado quem não tem trabalho e procurou algum emprego nos 30 dias anteriores à semana em que os dados foram coletados.

PECUÁRIA



Importação de leite preocupa Wilder

WANDELL SEIXAS

A importação de leite está preocupando o senador goiano Wilder Moraes (PP), que tem acompanhado o problema no Senado Federal, em Brasília. A situação reinante afeta 850 mil famílias no Brasil, das quais 70 mil apenas em Goiás. À semana passada a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado o problema foi discutido na Capital Federal. A presidente da CRA, Ana Amélia, inclusive é componente do PP, sigla presidida pelo senador Wilder Moraes no Estado. E ambos vêm debatendo a situação preocupante dos produtores de leite

em todo o País.

Na opinião de Wilder Moraes, a reunião da Comissão foi "das mais oportunas", porque levou representantes dos ministérios da Agricultura e das Relações Exteriores a buscarem alternativas que ajudem a corrigir possíveis distorções na relação de compra do leite uruguaio. Nas próximas semanas, o governo federal deve checar os números de importação de lácteos daquele país na busca de um acordo que prime pelo bom senso, uma vez que, segundo os produtores, as exportações anteriormente direcionadas à Venezuela

vêm sendo escoadas ao mercado brasileiro. O parlamentar goiano entende a complexidade do problema que afeta os produtores de leite do País, mas "tem as nuances de ordem internacional".

CARÊNCIA DE COTAS

"A indústria é favorável ao Mercosul, mas nós precisamos de cotas para não sermos surpreendidos com altos índices de leite no mercado nacional que derrubam o preço e inviabilizam a atividade. Precisamos de uma ação do governo nem que seja com a compra de parte da produção ou incentivos fiscais", sugeriu o

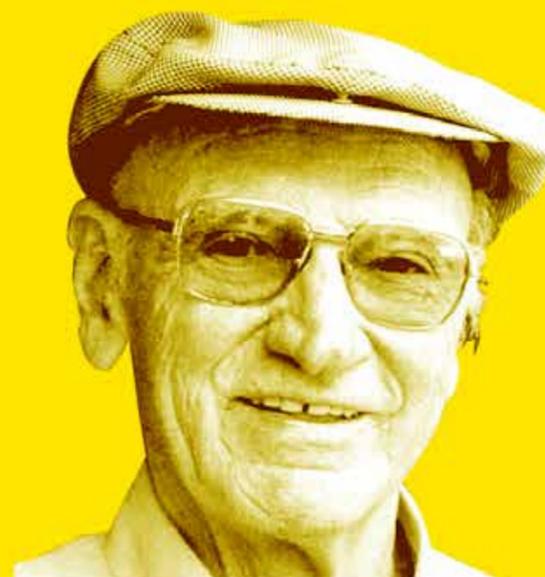
presidente do Sindilat e do Conseleite, Alexandre Guerra. A sugestão do Sindilat é, de imediato, adotar monitoramento do mercado de forma a equilibrar a importação de leite, fixar cotas para o Uruguai e trabalhar na desoneração de máquinas e equipamentos para uso dos produtores e da indústria.

Ao lado do setor, a senadora e presidente da Comissão, Ana Amélia Lemos, reforçou o coro como forma de proteger milhares de pequenos produtores que vivem do leite no Brasil. "O problema é mais complexo do que imaginávamos por-

que envolve regras internacionais, custo de produção e questões sociais". Entre as hipóteses em análise está a criação de cotas para o leite do Prata, o que não é bem visto pelo Ministério das Relações Exteriores, que teme retaliações. "Temos que pensar que talvez eles também queiram fechar outros mercados para o Brasil", alertou o diretor do Departamento do Mercosul, Otávio Brandelli. Contudo, é preciso avaliar que há produtos na pauta de exportação brasileira que não têm livre acesso ao mercado Uruguaio como se gostaria, como a carne de franco, por exemplo.

Biblioteca Bernardo Élis

wildermorais.com.br/biblioteca



   /wildermorais

No escritório do mandato, em Goiânia
Rua 88, nº 613, Qd. F-36, Lt. 06-81,
Setor Sul – CEP 74-085-115.
Telefone: (62) 3638-0080/(62) 3945-0041